

Um
mundo de
oportunidades

Volume 7
Origem: animal

AGRO INSIGHT



Institucional

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Presidente da República

CARLOS HENRIQUE BAQUETA FÁVARO

Ministro de Estado da Agricultura e Pecuária

IRAJÁ REZENDE DE LACERDA

Secretário-Executivo do Ministério da Agricultura e Pecuária

GUILHERME CAMPOS JÚNIOR

Secretário de Política Agrícola do Ministério da Agricultura e Pecuária

CARLOS GOULART

Secretário de Defesa Agropecuária do Ministério da Agricultura e Pecuária

LUIS RUA

Secretário de Comércio e Relações Internacionais do Ministério da Agricultura e Pecuária

PEDRO ALVES CORRÊA NETO

Secretário de Inovação, Desenvolvimento Sustentável, Irrigação e Cooperativismo do Ministério da Agricultura e Pecuária

CARLOS ERNESTO AUGUSTIN

Assessor Especial do Gabinete do Ministério da Agricultura e Pecuária

CARLA MADEIRA GONÇALVES SIMÕES DOS REIS

Chefe de Assessoria Especial de Comunicação Social do Ministério da Agricultura e Pecuária

4ª edição. Ano 2025

Elaboração, distribuição, informações:

Ministério da Agricultura e Pecuária

Secretaria de Comércio e Relações Internacionais

Departamento de Promoção Comercial e Investimentos - DPR

Coordenação-Geral de Gestão dos Adidos Agrícolas

Endereço: Esplanada dos Ministérios, Bloco D - 3º andar, Sala 300

CEP: 70043-900 Brasília - DF

Tel.: (61) 3218-2821 e-mail: divulgacao.scri@agro.gov.br

Editorial:

Priscilla Burmann

João Huguenin

Coordenação:

Marcel Moreira

Carolina Eufemia Aquino de Sá

Ângela Pimenta Peres

Estella R. Borges de Brito

Jennifer Santos Costa

Jenny Silva Brito

Manoel Augusto Soares Junior

Filipe Guerra

Equipe técnica:

Carlos Vitor Muller

Eduardo Sampaio Marques

José Guilherme Tollstadius Leal

Adriano Perrelli Pestana de Castro

Luciana Pich Gomes

Andrea Claudia Parrilla

Daniela de Moraes Aviani

Silvio Luiz Rodrigues Testaseca

Glauco Bertoldo

Nilton Antônio de Moraes

Paulo Márcio Mendonça de Araújo

Rodrigo do Espírito Santo Padovani

Leandro Diamantino Feijó

Jean Felipe Celestino Gouhie

Clóvis Augusto Versalli Serafini

Ricardo Zanatta Machado

Priscila Rech Pinto Moser

Rafael Mohana de Carvalho Refosco

Vanessa Medeiros de Jesus

Ana Lúcia de Paula Viana

Fabiana Villa Alves

Virginia Arantes Ferreira Carpi

Ângelo de Queiroz Maurício

Bruno Cavalheiro Breitenbach

Marlos Schuck Vicenzi

Fernanda Vanessa Mascarenhas Magalhães

Marco Aurélio Pavarino

Dalci de Jesus Bagolin

Ellen Elizabeth Laurindo

Adriane Reis Cruvinel

Frederique Rosa e Abreu

Warley Efreim Campos

Márcio Rezende Evaristo Carlos

Marco Túlio Santiago

Luiz Cláudio de Santana e Caruso

Rafael D'Aquino Mafra

Ana Carolina Miranda Lamy

Diego Leonardo Rodrigues

Juliano Vieira

Leandro Antunes

Permitida a reprodução sem fins lucrativos, parcial ou total, por qualquer meio, se citada a fonte e o sítio da Internet onde pode ser encontrado o original (www.gov.br/agricultura).

Catálogo na Fonte

Biblioteca Nacional de Agricultura – BINAGRI

Resumo



O AgrolInsight nasce do compromisso do Ministério da Agricultura e Pecuária com o fortalecimento da presença do agronegócio brasileiro no mercado internacional.

Desenvolvido pela Secretaria de Comércio e Relações Internacionais (SCRI), com apoio dos adidos agrícolas presentes em 38 países, o material reúne análises estratégicas e oportunidades de negócios para produtores, exportadores e associações setoriais que buscam crescer de forma competitiva e sustentável.

Com base nas diretrizes do ministro Carlos Fávaro e sob a liderança do secretário Luis Rua, o AgrolInsight é resultado do esforço de uma equipe dedicada que acredita no potencial do Brasil como potência agroexportadora.

Este relatório é mais do que um compilado de dados — é uma ponte entre o agro brasileiro e o mundo.



SUINOCULTURA TAILANDESA: RECUPERAÇÃO PÓS-PESTE SUÍNA AFRICANA, DESAFIOS E TENDÊNCIAS

Data: 15/07/2025

Posto: Bangkok/Tailândia

Palavras-chave: produção de suínos; peste suína africana; cadeia produtiva; biossegurança; comércio internacional.

Responsáveis: Ana Carolina Miranda Lamy, Wiranpat Boonyarattapan

SUMÁRIO:

A suinocultura tailandesa representa o segundo principal segmento da pecuária do país, com produção estimada em 21,7 milhões de cabeças e consumo interno de 1,38 milhão de toneladas em 2024. O setor mantém relevância social e econômica, empregando mais de 146 mil famílias e contribuindo para a segurança alimentar nacional. Após severos impactos da Peste Suína Africana (ASF) em 2022, a indústria iniciou uma fase de recuperação, marcada por avanços em biossegurança, modernização tecnológica e consolidação produtiva. A cadeia apresenta forte dependência de insumos importados, sobretudo farelo de soja (91% do Brasil) e milho, o que reforça sua vulnerabilidade externa. As exportações vêm crescendo, sobretudo para países vizinhos, enquanto as importações se mantêm limitadas por exigências sanitárias rigorosas. O mercado tailandês apresenta oportunidades crescentes para países exportadores, especialmente no fornecimento de carne suína congelada e processada, diante da retomada do consumo interno, da sensibilidade ao preço e da valorização por produtos seguros e rastreáveis.

SUINOCULTURA TAILANDESA: RECUPERAÇÃO PÓS-PESTE SUÍNA AFRICANA, DESAFIOS E TENDÊNCIAS

I - Introdução

A suinocultura representa o segundo segmento mais relevante da pecuária tailandesa, atrás apenas da avicultura em termos de produção e consumo. Apesar disso, mantém-se como um dos pilares da subsistência rural e da segurança alimentar do país. Em 2024, a produção nacional de suínos foi estimada em aproximadamente 21,7 milhões de cabeças, comparada a 1.994 milhões de frangos de corte e 1,31 milhão de bovinos. O consumo interno de carne suína alcançou 1,38 milhão de toneladas, consolidando sua posição como uma das principais fontes de proteína animal para a população tailandesa.

O setor emprega cerca de 146.200 famílias, número significativamente superior ao da avicultura (27.650 famílias) e inferior apenas à bovinocultura (1.409.250 famílias), destacando a suinocultura como o segundo maior gerador de empregos na pecuária tailandesa.

No comércio internacional, em 2023 o setor suinícola registrou exportações no valor de USD 198,96 milhões e importações de USD 62,30 milhões. Embora a avicultura lidere em volume e valor exportado, a forte presença da suinocultura no mercado doméstico, seu relevante papel na geração de renda rural e o superávit da balança comercial reforçam sua importância estratégica no conjunto da economia pecuária do país.

Para 2025, as projeções indicam uma retração de 2,4% na oferta de carne suína, reflexo da redução no plantel de matrizes e dos impactos persistentes de surtos sanitários, mesmo com a queda nos custos de insumos como farelo de arroz, farelo de soja e farinha de peixe. A produção deverá concentrar-se, cada vez mais, em médios e grandes produtores, diante da perda de competitividade de unidades de menor escala. Por outro lado, a demanda doméstica deve apresentar redução de 1,7%, pressionada pelos preços elevados da carne suína e pela consequente redução do poder de compra da população. Ainda assim, o aumento no número de turistas internacionais poderá atenuar os efeitos dessa retração no consumo interno.

II - A Cadeia de Suínos na Tailândia: Estrutura, Funcionamento e Desafios

A cadeia produtiva de suínos na Tailândia está estruturada em segmentos interligados que vão desde o fornecimento de insumos e genética até a distribuição ao consumidor final. Essa organização complexa reflete a crescente sofisticação do setor, ao mesmo tempo em que preserva vínculos com práticas tradicionais e o papel socioeconômico da suinocultura em áreas rurais.

Estrutura da Cadeia de Suprimentos

A cadeia de suprimentos da suinocultura tailandesa pode ser dividida em três elos principais:

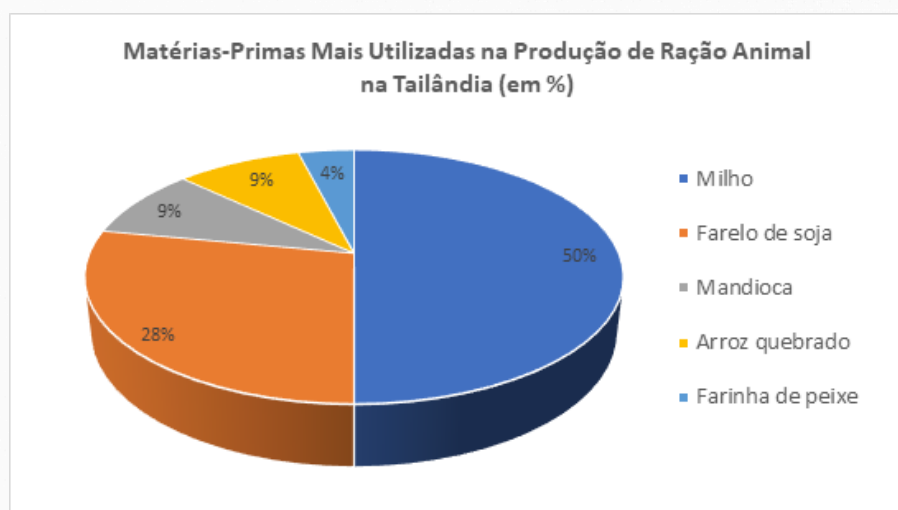
- A montante, inclui os fornecedores de insumos, como ingredientes para ração, fábricas de ração animal, distribuidores de animais reprodutores, além de fornecedores de medicamentos veterinários e vacinas.
- O elo intermediário é composto pelos produtores de suínos, que variam desde pequenos agricultores familiares até empresas verticalmente integradas, passando por cooperativas e criadores sob contrato com grandes grupos agroindustriais.
- A jusante, estão os frigoríficos, instalações de processamento e canais de distribuição que conectam a produção ao consumidor final, abrangendo desde mercados tradicionais até supermercados, plataformas online e redes de food service.

Essa estrutura proporciona flexibilidade e resiliência ao setor, permitindo atender tanto às exigências de mercados urbanos modernos quanto à demanda por carne fresca nos mercados tradicionais.

Alimentação e Dependência de Insumos

A alimentação representa o maior custo de produção na suinocultura tailandesa, sendo um fator determinante na rentabilidade do setor. Em 2025, estima-se que a suinocultura consuma aproximadamente 6,3 milhões de toneladas de ração animal, das quais 5,3 milhões serão destinadas a suínos de engorda e 1,0 milhão a matrizes. Conforme ilustra o Gráfico 1 abaixo, a composição da ração é fortemente concentrada em dois ingredientes principais: o milho, que representa 50% da formulação, e o farelo de soja, com 28%, ambos essenciais para suprir as exigências energéticas e proteicas dos animais. Ingredientes complementares incluem mandioca (9%), arroz quebrado (9%) e farinha de peixe (4%), que contribuem para o valor nutricional e o equilíbrio da dieta.

Gráfico 1. Composição das Matérias-Primas na Produção de Ração Animal na Tailândia.



Fonte: Kasikorn Research

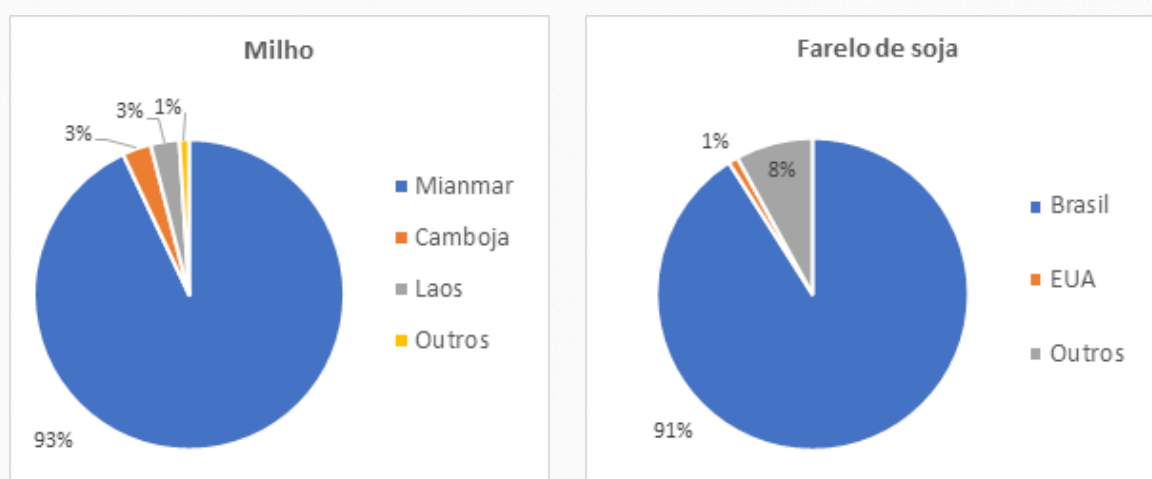
A indústria tailandesa de ração animal apresenta elevada dependência de matérias-primas importadas para atender à sua demanda crescente, especialmente no setor suinícola. Anualmente, o país importa mais de 1,6 milhão de toneladas de milho e 2,8 milhões de toneladas de farelo de soja, sendo que cerca de 60% das formulações de ração são compostas por ingredientes provenientes do exterior. Essa dependência estrutural expõe o setor a riscos comerciais e logísticos, reforçando a necessidade de diversificação de fornecedores e de fortalecimento da produção local.

Os dados de 2024 evidenciam essa concentração nas origens das importações, conforme demonstrado no Gráfico 2 abaixo. No caso do milho para ração, Mianmar responde por 93% do total importado, seguido por Camboja (3%), Laos (3%) e outros países (1%). Esse padrão é facilitado pelas condições preferenciais de livre comércio estabelecidas no Acordo de Bens da ASEAN, que permite importações sem tarifas nem cotas entre os meses de fevereiro e agosto.

Quanto ao farelo de soja, o Brasil é o principal fornecedor da Tailândia, com impressionantes 91% de participação nas importações, enquanto os Estados Unidos respondem por apenas 1% e outros países por 8%. Essa concentração reforça o papel estratégico do Brasil como parceiro comercial prioritário e evidencia, por outro lado, a vulnerabilidade do abastecimento tailandês frente a eventuais interrupções logísticas ou políticas nas rotas comerciais com a América do Sul.

Diante desse cenário, torna-se essencial que a Tailândia adote políticas voltadas à diversificação de origens e ao incentivo à produção doméstica de insumos, como forma de mitigar riscos e garantir maior resiliência à sua cadeia de produção de ração animal.

Gráfico 2. Participação dos Principais Países nas Importações Tailandesas de Milho e Farelo de Soja para Ração Animal



Fonte: Kasikorn Research e USDA

Produção de Suínos Reprodutores

O fornecimento de suínos reprodutores é realizado por uma combinação de pequenos criadores independentes e grandes empresas integradoras. Estas últimas operam granjas livres de patógenos específicos e utilizam tecnologias como inseminação artificial e melhoramento genético para garantir leitões de alta produtividade. A CPF, por exemplo, mantém contrato com cerca de 5.000 produtores e fornece apoio técnico completo, enquanto a Betagro opera granjas com mais de 4.000 matrizes.

A Tailândia é também um importante ator no comércio regional de suínos reprodutores, exportando em 2024 mais de 81 mil cabeças para Mianmar e Laos. As importações, por sua vez, são pontuais e voltadas à renovação genética dos rebanhos.

Criação de Suínos e Perfil Produtivo

A criação de suínos para engorda é realizada por três principais categorias: criadores independentes, criadores sob contrato e granjas integradas. A produção é marcada pela coexistência de sistemas tradicionais e modernos, com níveis variados de tecnificação, biossegurança e automação. Pequenos produtores continuam sendo atores relevantes, muitas vezes organizados em cooperativas, enquanto grandes empresas operam com ciclos produtivos fechados e integração vertical.

Entre os principais desafios enfrentados pelos criadores estão os riscos sanitários (como a peste suína africana), a volatilidade nos preços dos insumos e a pressão por conformidade ambiental. Políticas públicas, como a Lei de Agricultura por Contrato (2017), têm buscado equilibrar a relação entre produtores e integradoras, oferecendo maior segurança jurídica aos criadores.



Fazenda Inteligente Betagro em Roi Et, Tailândia

Foto: Betagro

Abate e Processamento

O processamento de suínos ocorre em uma rede de estabelecimentos licenciados, desde matadouros municipais até grandes plantas industriais operadas por conglomerados agroindustriais. O país reforçou nos últimos anos os padrões de inspeção sanitária e rastreabilidade, com exigência de certificações como o "Livestock OK", que assegura controle de qualidade desde a fazenda até o ponto de venda.

Frigoríficos modernos adotam tecnologias como atordoamento elétrico, sistemas de resfriamento automatizados e protocolos HACCP, enquanto pequenos abatedouros seguem em processo de atualização para atender aos padrões regulatórios. A inspeção veterinária é mandatória em todas as etapas do abate, e as autoridades realizam fiscalizações regulares para garantir segurança alimentar.



Frigorífico de Suínos da CPF Public Company Limited, Província de Krabi, Thailand.
Foto: Departamento de Desenvolvimento de Pecuária

Distribuição e Consumo

Após o processamento, a carne suína é distribuída por meio de uma rede diversificada que reflete as preferências culturais e os hábitos de consumo dos tailandeses. Os mercados úmidos ainda desempenham papel central, oferecendo cortes frescos customizados. Paralelamente, cresce a participação de supermercados, lojas de conveniência e e-commerce, que oferecem carne embalada, refrigerada e com certificação sanitária.

A expansão do delivery e das vendas online, especialmente após a pandemia, evidencia a transformação do comportamento do consumidor, que busca cada vez mais conveniência, qualidade e segurança. Essa evolução tem impulsionado investimentos em logística de frio, rastreabilidade por lote e embalagens modernas, criando uma cadeia de abastecimento híbrida que combina tradição e inovação.

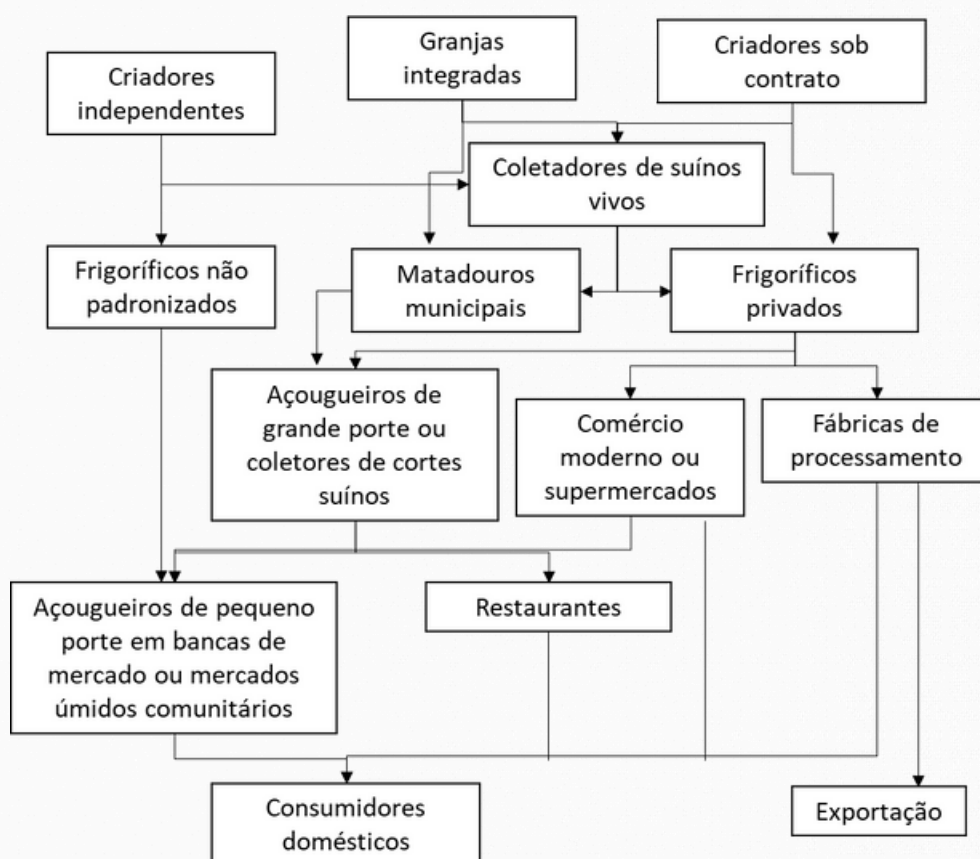


Bancas de carne suína em mercados tradicionais na Tailândia
Foto: Matichon

Resumidamente, a Figura 1 representa o fluxo da cadeia de suprimento da carne suína na Tailândia, desde a criação dos animais até o consumo final ou exportação. Ele destaca os diferentes agentes envolvidos em cada etapa do processo:

- Produção primária: inclui três categorias principais de criadores — independentes, integrados e sob contrato — que fornecem suínos vivos aos coletores.
- Abate e processamento: os suínos coletados são direcionados a três tipos de estabelecimentos para abate: frigoríficos não padronizados, matadouros municipais e frigoríficos privados. A carne resultante é, então, encaminhada a diversos canais de comercialização.
- Distribuição e comercialização: a carne suína segue para açougueiros de grande porte, comércio moderno (supermercados) ou fábricas de processamento. Essas estruturas fornecem produtos a açougueiros de pequeno porte em mercados úmidos, restaurantes, consumidores domésticos e ao mercado de exportação.

Fica evidente a coexistência entre sistemas tradicionais e modernos, bem como a diversidade de rotas que a carne suína pode seguir até chegar ao consumidor final. A Figura 1 também mostra os pontos críticos de controle e os elos em que há potencial para melhoria sanitária, rastreabilidade e eficiência logística.



Fonte: Adaptado de Poramet et al. (2020)

III- Produção de Carne Suína na Tailândia

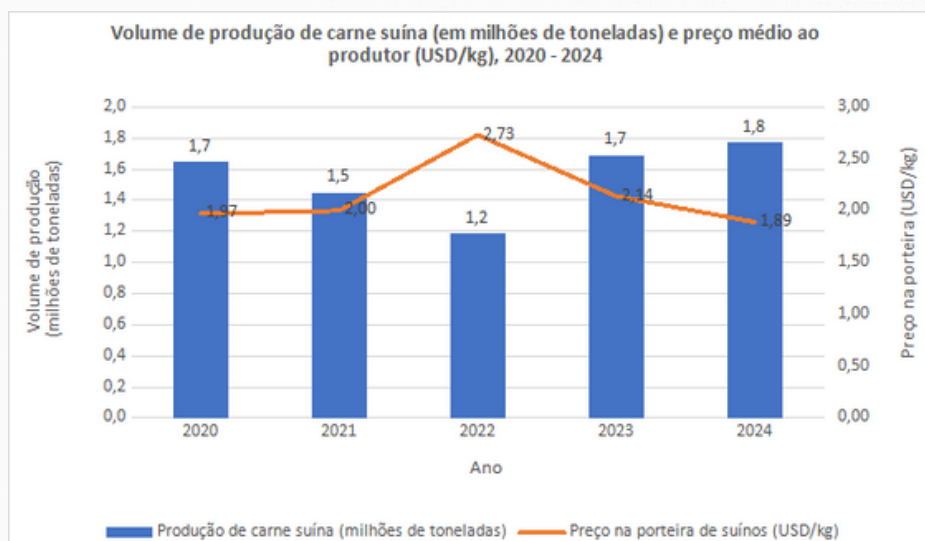
Dados de Produção

A suinocultura é um dos pilares do setor pecuário tailandês, desempenhando papel central na segurança alimentar do país e no fornecimento de proteína animal à população. Entre 2020 e 2024, o segmento foi marcado por fortes oscilações tanto na produção quanto nos preços na porteira, refletindo o impacto direto da Peste Suína Africana (ASF), os desafios da recuperação pós-crise e as variações nos custos de produção.

A confirmação oficial da ASF na Tailândia em janeiro de 2022 representou um divisor de águas para a indústria suinícola. Os primeiros casos foram detectados na região central do país, afetando suínos de companhia e uma granja comercial em Nakhon Pathom. O surto levou à dizimação de matrizes reprodutoras, à paralisação de sistemas de criação tradicionais e a perdas financeiras significativas para milhares de produtores.

Com o colapso dos sistemas extensivos, apenas as granjas com rígidos protocolos de biossegurança e reprodução interna conseguiram manter as operações. Essa crise sanitária provocou uma rápida consolidação do setor, forçando a adoção de medidas estruturantes, como o reforço dos controles sanitários e de movimentação animal, a implantação de programas de recomposição genética, a promoção de granjas tecnificadas e integradas, além de iniciativas públicas voltadas ao abastecimento nacional.

O Gráfico 3 a seguir apresenta a evolução do volume de produção de carne suína (em milhões de toneladas) e do preço na porteira (em USD/kg) na Tailândia entre 2020 e 2024. Observa-se uma relação inversa entre oferta e preços ao produtor ao longo do período.



Fonte: Departamento de Desenvolvimento de Pecuária e Escritório de Economia Agrícola

Em 2020, a produção alcançou 1,7 milhão de toneladas, com um preço médio de USD 1,97/kg. No ano seguinte, 2021, a produção caiu para 1,5 milhão de toneladas, enquanto o preço subiu ligeiramente para USD 2,00/kg. O impacto mais severo foi registrado em 2022, com forte retração da oferta para 1,2 milhão de toneladas e disparada dos preços, que atingiram USD 2,73/kg, o maior valor da série. A partir de 2023, observa-se uma recuperação da produção para 1,7 milhão de toneladas, acompanhada de queda no preço para USD 2,14/kg. Em 2024, a tendência de recuperação se consolidou, com a produção atingindo 1,8 milhão de toneladas e o preço recuando para USD 1,89/kg.

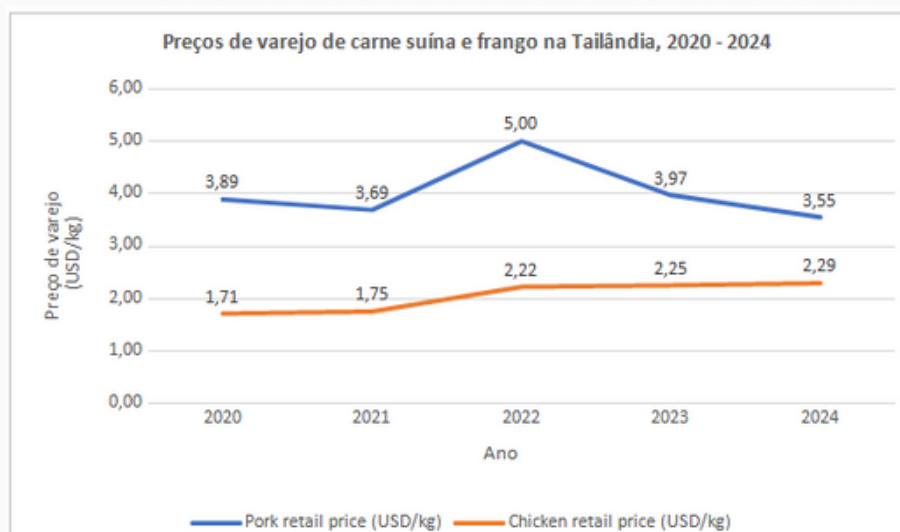
Os dados ilustram os efeitos da Peste Suína Africana sobre a oferta interna tailandesa, seguidos pela posterior recomposição da produção e seus impactos diretos sobre os preços ao produtor. Essa trajetória revela a sensibilidade do mercado doméstico a choques sanitários e produtivos, destacando os desafios estruturais da suinocultura tailandesa na busca por equilíbrio entre rentabilidade, biossegurança e estabilidade no abastecimento.

Assim como observado nos preços pagos ao produtor, os preços de varejo da carne suína na Tailândia também refletiram de forma clara os impactos da crise sanitária provocada pela Peste Suína Africana (ASF) e sua posterior superação. A escassez de oferta em 2022 impulsionou uma elevação significativa nos preços ao consumidor, que atingiram níveis recordes naquele ano. Com a retomada gradual da produção interna a partir de 2023, os preços passaram a recuar, embora ainda se mantenham acima dos patamares observados antes da crise. Essa dinâmica confirma o estreito vínculo entre produção, oferta no mercado e custo final da carne suína para os consumidores tailandeses.

O Gráfico 4 a seguir apresenta a variação dos preços de varejo da carne suína e da carne de frango na Tailândia entre 2020 e 2024, expressos em dólares por quilograma. Os preços da carne suína mostraram forte volatilidade no período, atingindo o pico de USD 5,00/kg em 2022, o ano mais crítico da crise sanitária. A partir de então, iniciou-se uma trajetória de queda, com os preços recuando para USD 3,97/kg em 2023 e USD 3,55/kg em 2024, ainda acima dos níveis de 2021 (USD 3,69/kg), mas inferiores ao valor registrado em 2020 (USD 3,89/kg).

Em contraste, os preços da carne de frango permaneceram mais estáveis, variando de USD 1,71/kg em 2020 para USD 2,29/kg em 2024, com uma tendência moderada de alta. A diferença entre os dois produtos se ampliou significativamente em 2022, o que reforçou a atratividade do frango como uma alternativa de proteína mais acessível em meio à escassez e ao aumento do custo da carne suína. Essa estabilidade relativa confirma o papel do frango como principal substituto no mercado tailandês em períodos de instabilidade da suinocultura.

Gráfico 4. Preços de varejo de carne suína e frango na Tailândia, 2020–2024



Fonte: Ministério do Comércio

Principais Desafios da Suinocultura na Tailândia

A recuperação e a modernização da suinocultura tailandesa enfrentam obstáculos estruturais que impactam a competitividade e a sustentabilidade do setor. Três dimensões críticas se destacam:

a) Biossegurança

O surto de Peste Suína Africana (ASF), em 2022, expôs fragilidades importantes nos protocolos de biossegurança implementados até então. Em resposta, autoridades e produtores passaram a adotar medidas mais rigorosas, como:

- Desinfecção obrigatória de veículos de transporte;
- Certificação sanitária de granjas;
- Fortalecimento dos sistemas de rastreabilidade;
- Instalação de postos de controle sanitário em fazendas e fronteiras.

Apesar dos avanços, a fiscalização segue irregular, e o contrabando de carne suína — especialmente nas fronteiras com o Camboja e a Malásia — permanece como ameaça constante. Mesmo após apreensões relevantes (como a de 4 de abril de 2023), especialistas consideram que o comércio ilegal será dificilmente eliminado por completo.

Além disso, entre 2023 e 2024, grandes produtores ampliaram seus estoques de matrizes, gerando excedentes produtivos que enfraqueceram os controles sanitários e dificultaram o rastreamento. Embora novas diretrizes tenham sido implementadas, a biossegurança plena ainda representa um desafio crítico, sobretudo entre pequenos e médios produtores, cujos recursos técnicos e financeiros são limitados.

b) Custo de Ração

A alimentação representa aproximadamente 70% do custo total de produção suinícola, sendo altamente sensível à volatilidade dos preços do milho e do farelo de soja, principais insumos da ração na Tailândia. Em 2024, o país registrou uma safra robusta de milho, o que contribuiu para a redução temporária dos preços. No entanto, essa tendência foi revertida em 2025, quando os preços atingiram cerca de USD 320 por tonelada (THB 11,5/kg) em junho, impulsionados por incertezas regulatórias em torno da liberação de organismos geneticamente modificados (OGMs).

Durante esse período, as indústrias de ração suspenderam temporariamente as compras em tentativa de influenciar o mercado, enquanto produtores demonstraram preocupação com a concorrência de milho importado dos Estados Unidos, potencialmente mais barato e subsidiado.

O farelo de soja também apresentou fortes oscilações, com o produto nacional sendo, em média, 6% a 7% mais caro que o importado entre 2023 e 2024, devido principalmente aos elevados custos logísticos. A falta de previsibilidade nos preços e as incertezas sobre tarifas e subsídios à importação têm afetado de forma mais acentuada os pequenos e médios produtores, cujas margens são mais estreitas.

Além disso, a indústria tailandesa de ração animal mantém alta dependência de matérias-primas importadas para suprir sua demanda crescente, especialmente no setor suinícola. Esse contexto reforça os desafios estruturais para a estabilidade de custos e competitividade do setor.

c) Mão de Obra

A suinocultura demanda grande volume de trabalho, mas o setor enfrenta uma crescente escassez de mão de obra qualificada. Jovens tailandeses têm se afastado das atividades rurais, devido à natureza física e intensiva do trabalho. Consequentemente, muitas granjas dependem de trabalhadores migrantes do Laos e de Mianmar — fluxo que foi significativamente reduzido após a pandemia, devido ao endurecimento dos controles migratórios.

Adicionalmente, os reajustes periódicos do salário mínimo elevaram os custos com pessoal. O setor também sofre com a falta de qualificação técnica, sobretudo em áreas como biossegurança, manejo sanitário e gestão reprodutiva, uma vez que poucos trabalhadores possuem formação formal em medicina veterinária ou zootecnia.

Diante desse cenário, grandes empresas passaram a investir em sistemas mecanizados e tecnologias automatizadas, como alimentadores automáticos, controle climático por sensores, e monitoramento remoto de rebanhos. Essas soluções visam mitigar a dependência da mão de obra humana e garantir maior eficiência produtiva no longo prazo, mas permanecem fora do alcance da maioria dos pequenos produtores.

IV - Importações de Suínos, Carne Suína e Derivados pela Tailândia

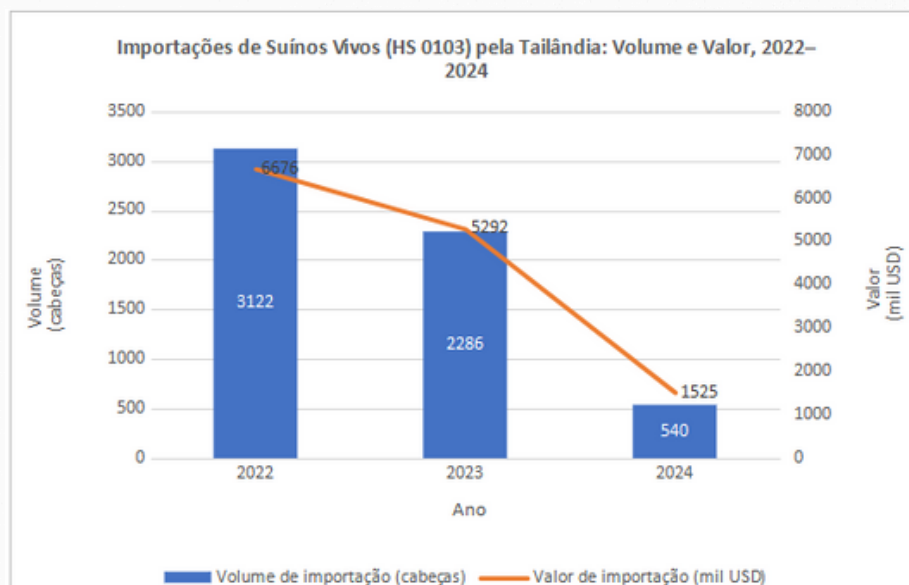
Dados de Importação

As importações de suínos vivos pela Tailândia vêm registrando uma trajetória de forte retração nos últimos anos, refletindo mudanças estruturais no setor suinícola nacional. Tradicionalmente utilizadas para fins de reprodução, melhoramento genético ou abate especializado, essas importações perderam espaço diante da crescente autossuficiência da produção doméstica e do fortalecimento dos controles sanitários, especialmente após o surto de Peste Suína Africana (ASF) no país em 2022.

O Gráfico 5 ilustra a evolução do volume (em cabeças) e do valor (em mil USD) das importações de suínos vivos pela Tailândia (código HS 0103) no período de 2022 a 2024. Os dados revelam uma queda acentuada e contínua tanto no volume quanto no valor das importações ao longo do período:

- Em 2022, foram importadas 3.122 cabeças, totalizando USD 6,676 milhões.
- Em 2023, o volume caiu para 2.286 cabeças (–26,8%), com valor de USD 5,292 milhões (–20,7%).
- Em 2024, a redução foi ainda mais expressiva: 540 cabeças (–76,4%) e USD 1,525 milhão (–71,2%).

Gráfico 5. Evolução do valor e do volume das importações de suínos vivos (HS 0103) pela Tailândia, 2022–2024



Fonte: ITC/Trademap

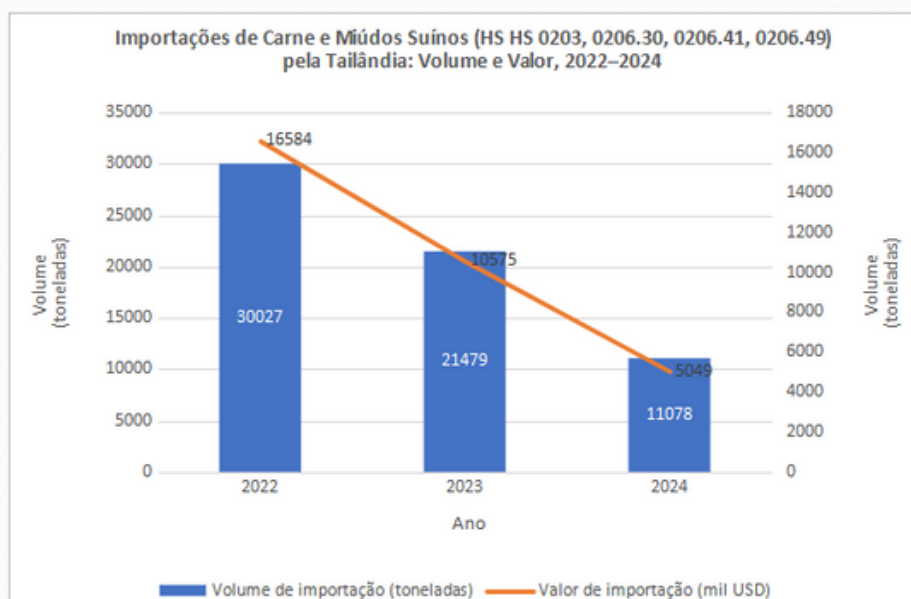
As importações tailandesas de carne suína continuam relativamente limitadas, tanto em volume quanto em valor, sobretudo quando comparadas à robusta capacidade de produção doméstica. As importações concentram-se principalmente em miúdos suínos congelados — como fígados, vísceras e peles — destinados a nichos específicos da indústria de alimentos processados e do setor de foodservice.

O Gráfico 6 a seguir apresenta a evolução das importações tailandesas de carne e miúdos suínos entre 2022 e 2024. Os dados evidenciam uma queda expressiva e contínua no período analisado. Em 2022, foram importadas 30.027 toneladas, com valor total de USD 16,584 milhões. Posteriormente (2023), o volume recuou para 21.479 toneladas (–28,5%) e o valor para USD 10,575 milhões (–36,2%). No ano passado (2024), a tendência de retração se acentuou: o volume caiu para 11.078 toneladas (–48,4% em relação a 2022), enquanto o valor totalizou apenas USD 5,049 milhões (–69,6%).

Essa contração reflete três dinâmicas principais: i) a recuperação gradual da produção doméstica, após o controle parcial dos efeitos da Peste Suína Africana (ASF); ii) o reforço das medidas de biossegurança e vigilância sanitária, que restringiram o fluxo de produtos de origem animal; e iii) a substituição parcial por outras proteínas, como frango, ovos e peixe, diante das flutuações de preços e da sensibilidade do consumidor a variações no custo da carne suína.

Adicionalmente, a queda mais acentuada no valor em relação ao volume sugere uma mudança no perfil das importações, com maior concentração em produtos de baixo valor agregado, como miúdos e cortes secundários, reforçando o caráter pontual e segmentado dessas compras externas.

Gráfico 6. Evolução do valor e do volume das importações de carne suína e outras partes comestíveis pela Tailândia (HS 0203, 0206.30, 0206.41 e 0206.49), 2022–2024



Fonte: ITC/Trademap

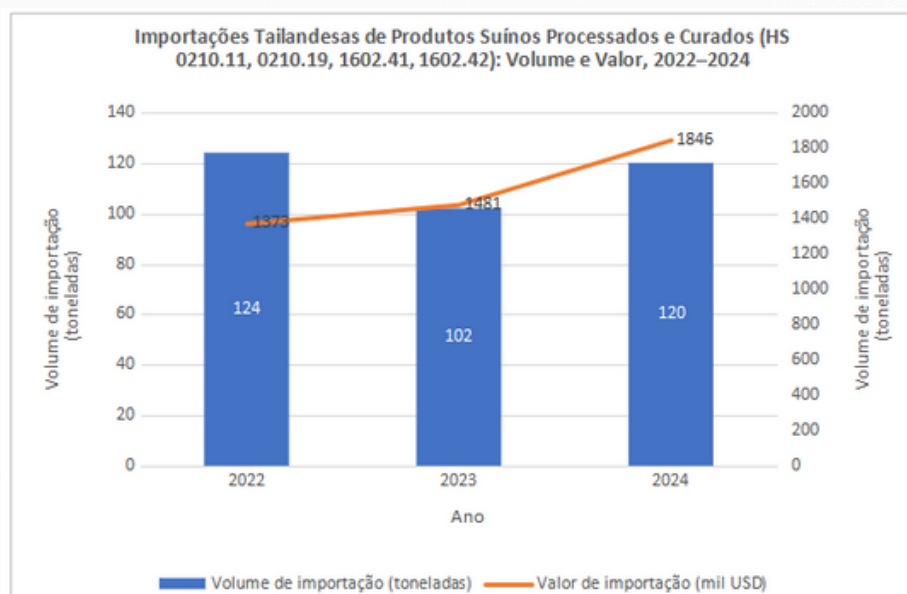
As importações tailandesas de produtos suínos processados, embora modestas em volume, mantêm-se relativamente estáveis e atendem a nichos específicos do consumo urbano. Presuntos, paletas, cortes curados, defumados e conservados são destinados principalmente ao varejo moderno, foodservice e refeições prontas, com demanda concentrada em consumidores de renda média e alta, além do setor turístico.

Entre 2022 e 2024, observou-se leve oscilação nos volumes importados, acompanhada de tendência de valorização unitária, refletindo a incorporação de itens de maior valor agregado no mix comercializado. Esses produtos desempenham papel complementar na cadeia de abastecimento, sem competir diretamente com a produção local de carne suína fresca.

O Gráfico 7 apresenta a evolução do valor (em mil USD) e do volume (em toneladas) das importações tailandesas de produtos suínos processados (HS 0210.11, 0210.19, 1602.41 e 1602.42) entre 2022 e 2024. Em 2022, foram importadas 124 toneladas, totalizando USD 1,373 milhão. Em 2023, o volume caiu para 102 toneladas, com valor de USD 1,481 milhão. Em 2024, o volume subiu para 120 toneladas, e o valor alcançou USD 1,846 milhão.

A estabilidade da demanda e o aumento do valor médio por tonelada em 2024 sugerem maior presença de produtos de alto valor agregado, como presuntos curados e conservas premium, voltados ao consumo urbano e à classe média em expansão.

Gráfico 7. Valor (mil USD) e volume (toneladas) das importações tailandesas de produtos suínos processados e curados (HS 0210.11, 0210.19, 1602.41, 1602.42), de 2022 a 2024



Fonte: ITC/Trademap

Requerimentos Sanitários e Marco Regulatório

A Tailândia adota um marco regulatório detalhado para a produção, importação e comercialização de carne suína, com foco no controle de substâncias proibidas, na prevenção de doenças animais e na rastreabilidade dos produtos. As exigências são definidas principalmente pelo Departamento de Desenvolvimento de Pecuária (DLD) e pela Agência de Alimentos e Medicamentos (FDA), e envolvem os seguintes aspectos:

a) Proibição de Substâncias Beta-Agonistas

O Departamento de Desenvolvimento de Pecuária proíbe expressamente o uso de substâncias aceleradoras de crescimento muscular do grupo dos beta-agonistas, como clenbuterol (clenbuterol), salbutamol e ractopamina, tanto na formulação de rações quanto em qualquer etapa da produção animal. Paralelamente, a FDA estabelece que todos os alimentos comercializados no país devem estar completamente livres de contaminação por beta-agonistas ou por seus sais. A presença dessas substâncias é considerada infração grave, sujeita a penalidades regulatórias.

b) Importação de Suínos Vivos

A importação de suínos vivos está condicionada à apresentação de um certificado sanitário animal emitido pela autoridade competente do país exportador, atestando o cumprimento dos requisitos sanitários tailandeses. No caso de reprodutores, exige-se também um certificado de pedigree. Os animais devem ser oriundos de áreas livres oficialmente de doenças prescritas pelo DLD, como Peste Suína Africana (ASF), peste bovina e febre aftosa, sendo exigida certificação oficial da Organização Mundial de Saúde Animal (OMSA) por um período mínimo de três anos.

Atualmente, a Tailândia autoriza a importação de suínos vivos apenas do Japão, além de permitir a entrada de carne suína congelada da Hungria e de produtos curados ou fermentados provenientes da Itália, Espanha, França, Austrália e Alemanha. Segundo consultas informais ao DLD, a autoridade veterinária tailandesa se reserva o direito de avaliar cada solicitação de importação caso a caso, especialmente em situações envolvendo novos fornecedores ou zonas livres por reconhecimento regional.

c) Importação de Carne Suína e Miúdos Comestíveis

A importação de carne suína e seus derivados exige a apresentação de certificado sanitário expedido pela autoridade competente do país de origem, contendo informações detalhadas sobre: tipo de produto; quantidade ou peso; nome e endereço do exportador; e datas de abate, processamento, embalagem e exportação.

No caso específico de miúdos suínos (classificados sob os códigos HS 0206.30.00, 0206.41.00 e 0206.49.00), o importador deve estar formalmente registrado junto ao Departamento de Comércio Exterior do Ministério do Comércio, conforme os regulamentos estabelecidos pela Notificação B.E. 2555. Além disso, deve atender aos seguintes requisitos:

- Armazenar os miúdos suínos em instalações dedicadas e separadas de outras mercadorias;
- Reportar regularmente a importação, posse e armazenamento dos produtos;
- Cumprir as normas definidas pela Notificação B.E. 2556, que regulamenta os critérios, métodos e condições para o registro como importador, bem como as obrigações de inspeção.

Essas medidas visam assegurar a sanidade animal, a rastreabilidade dos produtos e a proteção do consumidor tailandês, mantendo a Tailândia como um país com controle estrito sobre a entrada de produtos de origem animal.

Principais Países Fornecedores de Produtos Suínos para a Tailândia

Os dados de 2024 revelam padrões bem definidos de concentração nas origens das importações tailandesas de produtos suínos, com destaque para a predominância de poucos países em categorias específicas, conforme apresentado na Tabela 1 abaixo.

No segmento de suínos vivos (HS 0103), o Canadá foi o principal fornecedor, respondendo por 47,0% do total importado, seguido pela Dinamarca (39,2%) e pela China (13,8%). Já na categoria de carne fresca, resfriada ou congelada (HS 0203), o destaque foi o Japão, com 63,9% de participação, seguido pela Espanha, com 46,6% — indicando a ocorrência de importações multiproduto e sobreposição de origem.

A Espanha se destaca como fornecedora dominante em diversas categorias. Em 2024, foi responsável por 100% das importações tailandesas de fígados de suíno congelados (HS 0206.41) e de miúdos suínos congelados, exceto fígados (HS 0206.49). Também deteve participação total nas importações de presuntos e paletas salgados ou defumados com osso (HS 0210.11). Ainda na categoria de carne suína salgada, seca ou defumada (exceto presuntos e paletas – HS 0210.19), a Espanha liderou com impressionantes 95,5%, seguida de longe por França (3,4%) e Dinamarca (1,1%).

No grupo de produtos preparados ou conservados, a Espanha também figurou como principal fornecedora. Para presuntos preparados (HS 1602.41), respondeu por 65,4% das importações, seguida pela República da Coreia (30,8%). Por outro lado, na categoria de paletas e cortes preparados (HS 1602.42), os Estados Unidos lideraram amplamente, com 89,9% de participação, superando o Reino Unido (6,7%) e a Alemanha (2,2%).

Tabela 1. Principais países fornecedores de produtos suínos importados pela Tailândia em 2024.

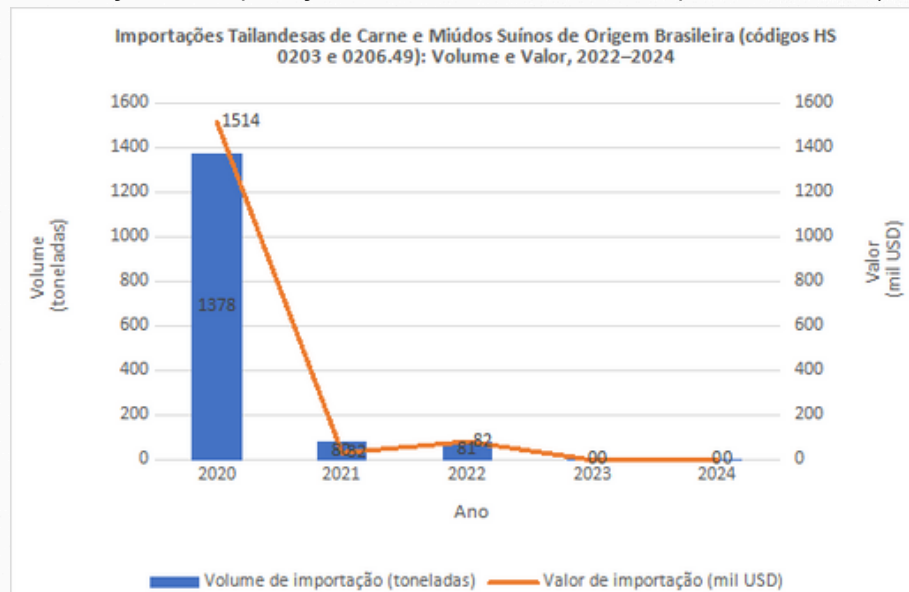
Código HS	Descrição do Produto	Principais Fornecedores (2024)
0103	Suínos vivos	Canadá (47,0%), Dinamarca (39,2%), China (13,8%)
0203	Carne de suíno, fresca, resfriada ou congelada	Japão (63,9%), Espanha (46,6%)
0206.41	Fígados de suíno congelados	Espanha (100%)
0206.49	Miúdos de suíno congelados (exceto fígados)	Espanha (100%)
0210.11	Presuntos, paletas e cortes suínos salgados, secos ou defumados com osso	Espanha (100%)
0210.19	Carne de suíno salgada/defumada (exceto presuntos e paletas com osso)	Espanha (95,5%), França (3,4%), Dinamarca (1,1%)
1602.41	Presuntos suínos preparados ou conservados	Espanha (65,4%), República da Coreia (30,8%)
1602.42	Paletas e cortes preparados ou conservados de suíno	EUA (89,9%), Reino Unido (6,7%), Alemanha (2,2%)

Fonte: ITC/Trademap

Além dos fornecedores atuais, vale destacar que o Brasil figurou como exportador pontual de produtos suínos para a Tailândia no período entre 2020 e 2022, com envios registrados nas categorias HS 0203 (carne suína fresca, resfriada ou congelada) e HS 0206.49 (miúdos congelados, exceto fígados). Conforme ilustra o Gráfico 8 abaixo, em 2020, foram exportadas 1.378 toneladas, no valor de USD 1,514 milhão. Já em 2021, os volumes recuaram drasticamente para 80 toneladas (USD 32 mil), e em 2022 mantiveram-se marginais, com 81 toneladas (USD 82 mil). A partir de 2023, não foram mais registradas importações tailandesas de produtos suínos brasileiros.

Cabe ressaltar que, atualmente, encontra-se em negociação um acordo sanitário com vistas a viabilizar a retomada das exportações de carne e miúdos suínos de origem brasileira para a Tailândia.

Gráfico 8. Evolução das exportações brasileiras de carne suína para a Tailândia (2020–2024)



Fonte: ITC/Trademap

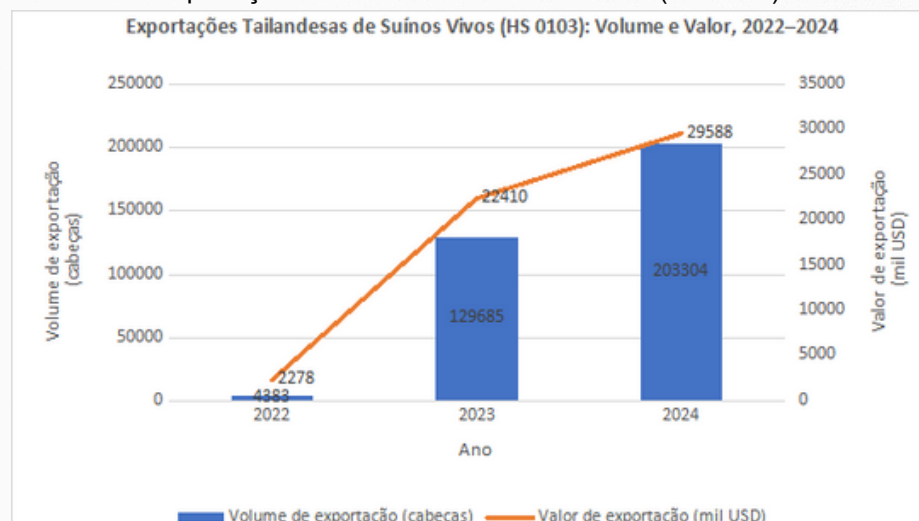
IV - Exportações de Suínos, Carne Suína e Derivados pela Tailândia

Dados de Exportação

As exportações de suínos vivos pela Tailândia vêm registrando uma expansão significativa entre 2022 e 2024, tanto em volume quanto em valor. O Gráfico 9 a seguir ilustra que em 2022, a Tailândia exportou 4.383 cabeças, gerando USD 2,278 milhões. Já em 2023, os embarques aumentaram para 129.685 cabeças (+2.860%) e o valor chegou a USD 22,410 milhões. A tendência de alta continuou em 2024, com as exportações atingindo 203.304 cabeças e USD 29,588 milhões, consolidando o país como fornecedor crescente de suínos vivos na região.

Esse crescimento reflete não apenas a recuperação da produção interna após a crise sanitária, mas também o fortalecimento de laços comerciais com mercados vizinhos, especialmente Laos e Camboja, onde há demanda por animais reprodutores e para abate.

Gráfico 9. Crescimento das Exportações Tailandesas de Suínos Vivos (HS 0103): Volume e Valor, 2022–2024

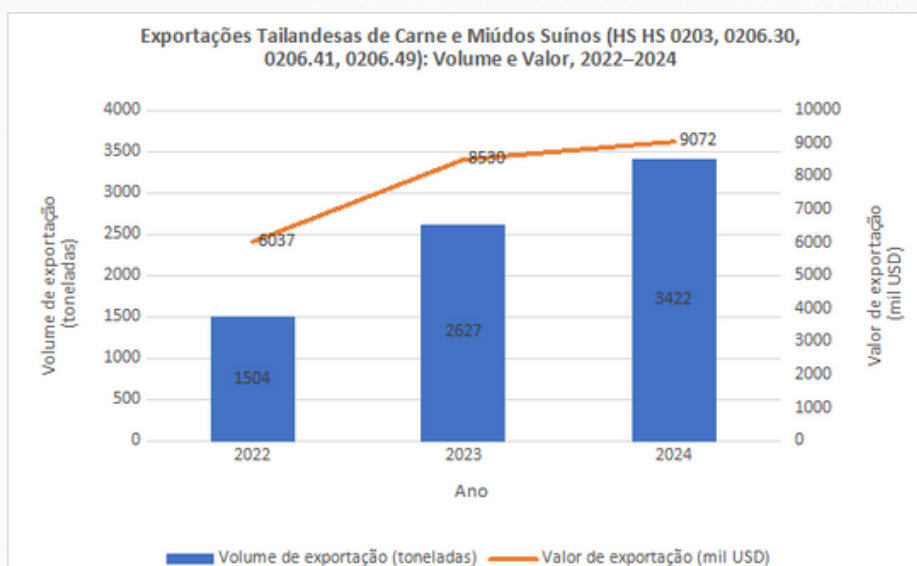


Fonte: ITC/Trademap

As exportações tailandesas de carne e miúdos suínos apresentaram uma trajetória clara de crescimento entre 2022 e 2024. O Gráfico 10 abaixo mostra que em 2022, o país exportou 1.504 toneladas, com receitas de USD 6,037 milhões. No ano seguinte, os embarques aumentaram para 2.627 toneladas (+74,7%) e o valor exportado chegou a USD 8,530 milhões. Em 2024, a tendência de alta se manteve, com 3.422 toneladas exportadas (+30,3%) e um valor de USD 9,072 milhões.

Esse desempenho positivo reflete a recomposição da oferta interna após os impactos da Peste Suína Africana (ASF), a reabertura de mercados regionais e a crescente inserção da Tailândia como fornecedora de carne suína e derivados para países vizinhos, especialmente Laos, Camboja e Myanmar. A elevação consistente no valor agregado das exportações também indica uma diversificação nos tipos de produtos exportados e possível valorização dos cortes comercializados.

Gráfico 10. Desempenho das Exportações de Carne e Miúdos Suínos pela Tailândia (HS 0203, 0206.30, 0206.41 e 0206.49), 2022–2024



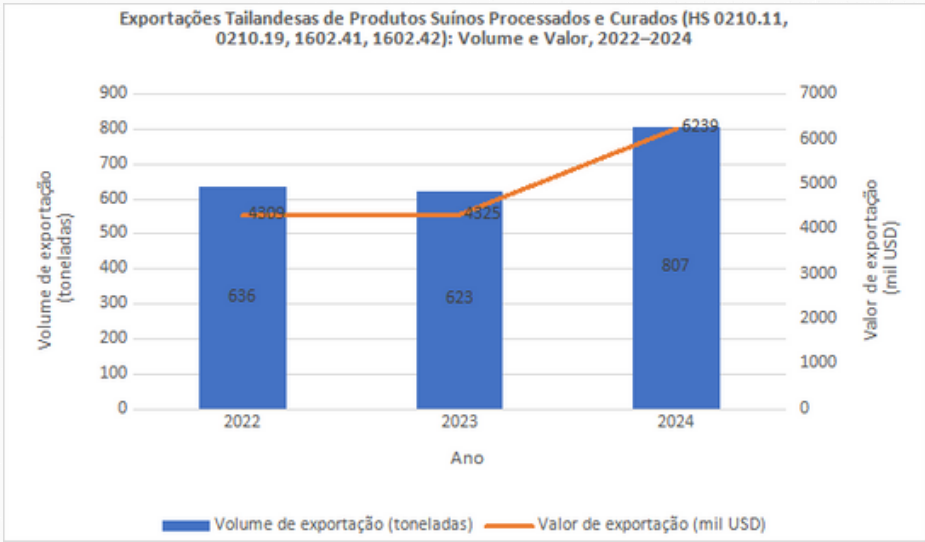
Fonte: ITC/Trademap

As exportações tailandesas de produtos suínos processados — como presuntos, paletas e cortes curados ou conservados — apresentaram um desempenho crescente e consistente entre 2022 e 2024. Embora esses produtos representem uma parcela menor do total exportado pela indústria suinícola do país, eles apresentam maior valor agregado e atendem a mercados mais exigentes, especialmente no segmento de alimentos prontos para consumo e no varejo premium.

O Gráfico 11 a seguir ilustra a evolução das exportações tailandesas de produtos derivados de suíno entre 2022 e 2024, tanto em volume (toneladas) quanto em valor (mil USD). Em 2022, o país exportou 636 toneladas, gerando receitas de USD 4.309 mil. No ano seguinte, 2023, houve uma leve redução no volume exportado, que passou para 623 toneladas, enquanto o valor aumentou discretamente para USD 4.325 mil, indicando uma valorização por tonelada exportada. Já em 2024, observou-se um crescimento expressivo nas exportações, que atingiram 807 toneladas, com um valor total de USD 6.239 mil.

A estabilidade dos volumes exportados em 2022 e 2023, seguida de um crescimento expressivo em 2024, tanto em quantidade quanto em valor, indica uma consolidação da posição tailandesa no nicho de produtos suínos processados. Esse desempenho sugere a ampliação da base de compradores e o fortalecimento da imagem dos produtos tailandeses no mercado internacional. A trajetória observada também reflete uma demanda crescente por itens de maior valor agregado, associada à diversificação dos destinos de exportação e ao avanço da indústria local de alimentos prontos para consumo.

Gráfico 11. Evolução das exportações tailandesas de produtos suínos processados e curados (HS 0210.11, 0210.19, 1602.41, 1602.42), de 2022 a 2024



Fonte: ITC/Trademap

Principais Destinos de Produtos Suínos Tailandeses

A distribuição geográfica das exportações tailandesas de produtos suínos em 2024 evidencia forte concentração em países da Ásia, especialmente vizinhos do Sudeste Asiático e alguns mercados premium do Leste Asiático, conforme revela a Tabela 2 abaixo.

Tabela 2. Principais Destinos das Exportações Tailandesas de Produtos Suínos em 2024, por Categoria (HS Code)

Código HS	Descrição do Produto	Países Destino em 2024
0103	Suínos vivos	Mianmar (66,6%), Laos (32,5%), Camboja (0,9%)
0203	Came de suíno, fresca, resfriada ou congelada	Hong Kong (86,7%), Mianmar (12,9%), Laos (0,4%)
0206.30	Miúdos suínos frescos ou resfriados	Mianmar (100%)
0206.49	Miúdos de suíno, congelados (excl. figados)	Mianmar (79,8%), Laos (17,1%), Hong Kong (3,1%)
0210.19	Came de suíno salgada, em salmoura, seca ou defumada (excl. presuntos, paletas e cortes com osso, e barrigas)	Hong Kong (87,8%), Taiwan (9,8%), Macau (2,4%)
1602.41	Presuntos de suíno e cortes preparados ou conservados	Japão (84,2%), Camboja (10,9%), Hong Kong (4,7%), Nepal (0,1%), Estados Unidos da América (0,0%)
1602.42	Paletas e cortes preparados ou conservados de suíno	Hong Kong (69,7%), Mianmar (30,3%)

Fonte: ITC/Trademap

No segmento de suínos vivos (HS 0103), a Tailândia exportou principalmente para Mianmar, que respondeu por 66,6% das remessas, seguido por Laos (32,5%) e Camboja (0,9%). Esses fluxos refletem a demanda regional por animais vivos para abate ou reprodução, frequentemente impulsionada por surtos sanitários ou escassez temporária de oferta nesses países vizinhos.

No caso da carne suína fresca, resfriada ou congelada (HS 0203), Hong Kong dominou as importações tailandesas com 86,7%, demonstrando a preferência do território por produtos com alto padrão sanitário. Mianmar (12,9%) e Laos (0,4%) também figuram entre os destinos, mas com participação muito menor.

Para os miúdos suínos frescos (HS 0206.30), Mianmar foi o único destino, recebendo 100% das exportações. Já entre os miúdos congelados (HS 0206.49), Mianmar manteve a liderança com 79,8%, seguido por Laos (17,1%) e Hong Kong (3,1%).

Na categoria de carne suína salgada, curada ou defumada (HS 0210.19), o mercado de Hong Kong absorveu 87,8% das exportações, com Taiwan (9,8%) e Macau (2,4%) completando o quadro, reforçando o foco da Tailândia em destinos com demanda por alimentos prontos ou semiprontos de padrão premium.

Os presuntos e cortes preparados ou conservados (HS 1602.41) tiveram como principais destinos o Japão (84,2%), Camboja (10,9%) e Hong Kong (4,7%), enquanto Nepal e Estados Unidos apareceram com participação simbólica. Isso mostra a penetração da Tailândia em nichos de alimentos industrializados de valor agregado em mercados desenvolvidos ou em crescimento.

Por fim, as paletas e cortes preparados (HS 1602.42) foram majoritariamente exportados para Hong Kong (69,7%) e Mianmar (30,3%), confirmando o papel central desses dois mercados no escoamento dos produtos suínos processados tailandeses.

Em conjunto, os dados demonstram que a exportação de produtos suínos tailandeses está fortemente concentrada em mercados asiáticos, com destaque para Mianmar, Hong Kong, Japão e Laos, e voltada, principalmente, para produtos processados ou vivos, diante das limitações impostas pelas barreiras sanitárias internacionais à carne in natura. Essa estrutura reforça a importância regional da Tailândia como fornecedora de proteína animal em formatos adaptados à demanda local e à capacidade de distribuição logística.

Competitividade das Exportações de Carne Suína da Tailândia e Acesso a Novos Mercados

O setor exportador de carne suína da Tailândia caminha para uma fase de expansão significativa, impulsionada por avanços tecnológicos, investimentos estratégicos e a abertura de novos mercados.

O desenvolvimento acelerado de vacinas eficazes contra a Peste Suína Africana (ASF), aliado à implementação de protocolos robustos de biossegurança, tem contribuído para a estabilização da produção interna e a recuperação da confiança de importantes parceiros comerciais, como Hong Kong, Japão e países da ASEAN.

Paralelamente, investimentos em frigoríficos modernos e instalações de processamento de alta capacidade — tanto no território tailandês quanto por meio de joint ventures internacionais — têm viabilizado a oferta de produtos suínos refrigerados, congelados e processados com maior valor agregado, conforme padrões sanitários e de qualidade exigidos internacionalmente.

A capacidade do país de importar matéria-prima a preços competitivos fortalece sua base de produção de baixo custo e favorece o desenvolvimento de produtos diferenciados. O know-how tailandês em melhoramento genético e sistemas produtivos sustentáveis permite o fornecimento de suínos magros e de alto rendimento, alinhados às preferências de mercados consumidores em constante transformação. Nesse contexto, as negociações para estabelecer limites máximos de resíduos (MRLs) para substâncias como a ractopamina podem ampliar o acesso a mercados com exigências rigorosas de segurança do alimento.

Destaca-se ainda a recente abertura do mercado russo e de países da União Aduaneira da Eurásia, que representa uma oportunidade estratégica de diversificação geográfica e mitigação de riscos. Para consolidar essa posição, a Tailândia deverá manter vigilância sanitária rigorosa, sobretudo em relação à ASF, e adotar uma postura ativa em negociações bilaterais voltadas à harmonização regulatória e à superação de barreiras não tarifárias.

Ao integrar avanços em saúde animal, modernização da infraestrutura industrial e uma diplomacia comercial proativa, a Tailândia fortalece sua posição como fornecedora competitiva de carne suína em mercados tradicionais e emergentes, com perspectivas concretas de crescimento sustentável nas exportações.

V – Principais Atores da Indústria Suinícola na Tailândia

Granjas de Suínos

A estrutura produtiva da suinocultura tailandesa é marcada por um alto grau de concentração, com predominância de grandes grupos agroindustriais. As dez maiores empresas detêm cerca de 60% do rebanho nacional de suínos, lideradas pelo conglomerado Charoen Pokphand (CP), responsável por mais de um quarto do total. Apesar disso, ainda há significativa presença de pequenos e médios produtores, refletida na categoria “Outros”, que representa cerca de 40% da produção (Tabela 3).

Tabela 3. Participação das Principais Empresas na Produção de Suínos na Tailândia em 2024 (por número de indivíduos)

Nº	Nome da Empresa	Participação suínos (%)
1	Charoen Pokphand Group (CP)	28,2%
2	Betagro	15,6%
3	Thai Foods Group (TFG)	3,7%
4	Veerachai ou Grupo VCF	3,5%
5	Grupo SPM	2,2%
6	Grupo VPF	2,0%
7	Grupo Kanchana	1,8%
8	Grupo Pak Tor	1,5%
9	Panus Pokphand	1,0%
10	Grupo RMC	0,6%
11	Outros	39,9%

Fonte: Departamento de Desenvolvimento de Pecuária (DLD)

Frigoríficos (Abatedouros)

O processamento de suínos na Tailândia também está concentrado em grandes players verticais, sendo dominado por empresas integradas que controlam tanto a produção quanto o abate e a distribuição. Conforme apresentado na Tabela 4, CPF e Betagro lideram esse segmento, com capacidade instalada combinada de mais de 40% do total nacional, o que garante eficiência logística e padronização sanitária para atender tanto ao mercado interno quanto às exigências de exportação.

Tabela 4. Participação das Principais Empresas na Produção de Suínos na Tailândia em 2024 (por capacidade de produção)

Nº	Nome da Empresa	Participação (%)
1	Charoen Pokphand Foods (CPF)	28%
2	Betagro	15%
3	Thai Foods Group (TFG)	5%
4	Cargill Tailândia	5%
5	Outros	47%

Fonte: Bluebell

Exportadores de Carne Suína

As exportações tailandesas de carne suína são conduzidas principalmente por grandes grupos agroindustriais com capacidade de atendimento aos padrões internacionais. CPF, Betagro e TFG figuram entre os principais exportadores, ao lado de empresas especializadas em processamento e frigoríficos com certificações sanitárias exigidas por mercados externos, conforme apresentado na Tabela 5 a seguir. A diversificação de destinos e o foco em valor agregado tornam essas empresas estratégicas para a inserção tailandesa no comércio global de produtos suínos.

Tabela 5. Principais Exportadores Tailandeses de Carne Suína e Derivados em 2024

Nº	Nome da Empresa	Participação (%)
1	Charoen Pokphand Foods (CPF)	76%
2	Betagro	11%
3	Thai Foods Group (TFG)	8%
4	SK Interfood	2%
5	Centao Farm	1%
6	V.P.F. Group	1%
7	Others	2%

Fonte: Swine Thailand e Ministério do Comércio da Tailândia

VI - Perspectivas e Tendências da Indústria Suinícola na Tailândia (2024–2026)

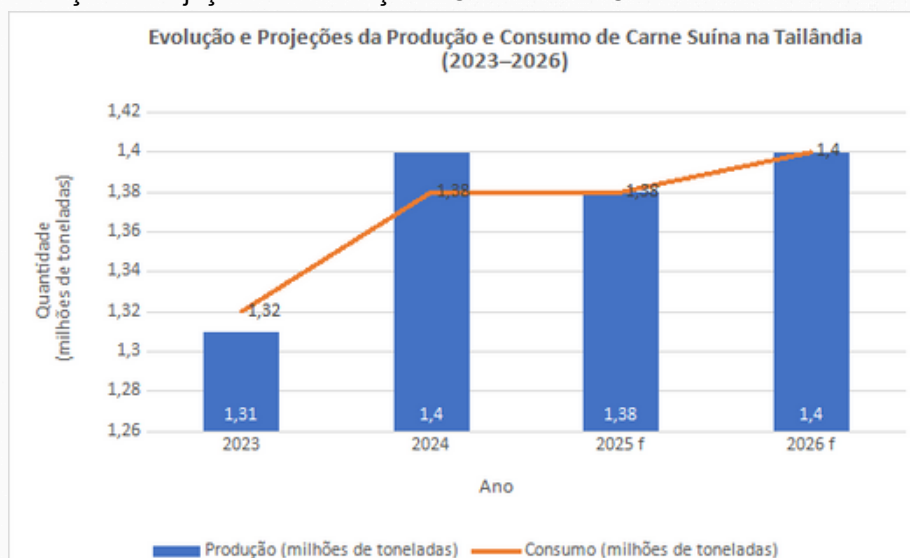
A indústria suinícola tailandesa encontra-se em trajetória de recuperação e transformação estrutural após os impactos severos da Peste Suína Africana (ASF). Entre 2022 e 2024, a produção cresceu de forma consistente, impulsionada pela recomposição do plantel, avanços em biossegurança e reorganização da cadeia produtiva. Para os próximos anos, as projeções indicam estabilidade nos níveis de produção e consumo, com potencial de leve expansão em 2026, à medida que as medidas sanitárias se consolidam e a confiança do mercado se fortalece.

O Gráfico 12 a seguir mostra que a produção de carne suína na Tailândia registrou crescimento expressivo entre 2023 e 2024, passando de 1,31 para 1,40 milhão de toneladas, impulsionada pela recuperação do setor após os impactos da Peste Suína Africana. Para 2025, projeta-se uma leve retração da produção para 1,38 milhão de toneladas, atribuída à redução voluntária de matrizes, com expectativa de nova elevação em 2026, retornando ao patamar de 1,40 milhão de toneladas.

O consumo interno acompanhou essa trajetória, crescendo de 1,32 milhão de toneladas em 2023 para 1,38 milhão em 2024 e 2025, com projeção de atingir 1,40 milhão de toneladas em 2026, o que sugere estabilização da demanda, influenciada por fatores como substituição por outras proteínas e mudanças no perfil demográfico.

A convergência entre produção e consumo a partir de 2025 indica um equilíbrio entre oferta e demanda doméstica, reduzindo pressões por importações e permitindo maior previsibilidade ao setor.

Gráfico 12. Evolução e Projeções de Produção e Consumo de Carne Suína na Tailândia (2024–2026)



Fonte: Kasikorn Research, USDA, Associação de Criadores de Suínos da Tailândia.

No comércio internacional, as exportações continuam modestas em relação à produção total, mas devem crescer de forma gradual, impulsionadas por demanda de mercados regionais como Hong Kong, Mianmar e Laos. A Tailândia tem investido na modernização de frigoríficos, certificações sanitárias e desenvolvimento de produtos de maior valor agregado, o que pode ampliar seu acesso a novos mercados. No entanto, fatores como os custos de produção relativamente elevados e a rigidez regulatória em mercados estratégicos ainda impõem limitações.

Internamente, a suinocultura tailandesa vem passando por um processo de consolidação produtiva, modernização tecnológica e crescente alinhamento a padrões internacionais de sustentabilidade e bem-estar animal. A saída gradual de pequenos produtores, combinada ao fortalecimento das integrações de médio e grande porte, tem impulsionado investimentos em infraestrutura e inovação. Práticas voltadas ao bem-estar animal vêm ganhando espaço, como resposta à maior conscientização do consumidor e às exigências de mercados premium. A adoção de sistemas EVAP (Evaporative Cooling Systems) em instalações de engorda e maternidade tem se expandido, proporcionando melhores condições térmicas, redução do estresse calórico e ganhos zootécnicos relevantes.



Instalações EVAP para suínos na Tailândia
Foto: CPF Feed Solution

Além disso, grandes integradoras têm implementado baias coletivas para matrizes, enriquecimento ambiental e monitoramento automatizado de bem-estar, consolidando uma imagem de setor tecnificado e sustentável. Iniciativas ambientais, como projetos de biogás e certificações verdes, ganham destaque e se alinham às metas climáticas nacionais, agregando valor às exportações.

No plano regulatório, a Tailândia reforça continuamente seu arcabouço legal, com foco em biossegurança, rastreabilidade e controle de resíduos, buscando garantir competitividade sem prescindir da sanidade animal e da proteção ao consumidor.

Esse cenário aponta que, entre 2024 e 2026, a indústria suinícola tailandesa deve entrar em uma fase de consolidação, inovação e expansão cautelosa no comércio internacional, sob um ambiente regulatório mais exigente e cada vez mais orientado à sustentabilidade.



Gestão de resíduos em granjas de suínos da CPF por meio de sistemas de biogás
Foto: Siamrath

VII - Oportunidades para o Brasil no Mercado Tailandês de Carne Suína

A atual negociação de um acordo sanitário bilateral entre Brasil e Tailândia, voltado à autorização das exportações brasileiras de carne e miúdos suínos, representa uma oportunidade estratégica para reposicionar o Brasil como fornecedor confiável no Sudeste Asiático. Dada a alta tecnificação do sistema produtivo brasileiro e sua capacidade de oferecer grandes volumes com rastreabilidade e padrões internacionais de biossegurança, o país está bem posicionado para atender demandas da Tailândia, especialmente em produtos congelados e de maior valor agregado. Essa inserção pode ser ainda mais relevante em períodos de escassez de oferta local, surtos sanitários ou picos sazonais de consumo.

Outro fator favorável à inserção brasileira é a conhecida sensibilidade do consumidor tailandês aos preços. Em momentos de alta nos preços internos, como ocorreu em 2022, quando a carne suína ultrapassou os USD 6,00/kg, muitos consumidores migraram para proteínas alternativas como frango e peixe. O fornecimento de carne suína brasileira a preços competitivos pode oferecer uma alternativa atrativa para o varejo e o foodservice tailandês, desde que as exigências sanitárias sejam plenamente atendidas.

A retomada gradual do consumo interno na Tailândia, após os impactos da ASF e da pandemia, revela um mercado em recuperação e transformação. Em 2024, o consumo interno de carne suína chegou a aproximadamente 1,38 milhão de toneladas, um crescimento de 16,8% em relação a 2022. Esse movimento é impulsionado pela urbanização acelerada, crescimento da renda média e mudanças no estilo de vida, com maior demanda por conveniência e alimentação fora do lar.

Nesse contexto, crescem as oportunidades para fornecimento de produtos suínos processados e de valor agregado, como salsichas, presuntos e cortes prontos para consumo. Há uma valorização crescente de produtos com certificações de segurança do alimento, rastreabilidade e atributos diferenciados — como carnes sem antibióticos, orgânicas ou provenientes de raças especiais. O Brasil, com seu sistema produtivo integrado e experiência em exportação para mercados exigentes, reúne condições técnicas e comerciais para suprir esse tipo de demanda.

Por fim, o robusto setor de foodservice tailandês, com destaque para barracas de rua e redes de fast food em expansão, reforça o potencial de fornecimento de cortes padronizados, carnes industrializadas e ingredientes para processamento. O retorno do turismo, a modernização do varejo e a busca por praticidade indicam que a Tailândia seguirá como um mercado dinâmico e promissor — e o Brasil, ao fortalecer sua presença institucional e empresarial no país, pode ampliar de forma significativa sua participação nesse cenário.